

Reencontro em Aruanda: os ritos de morte nas congadas belo-horizontina.

Rosângela Paulino de Oliveira

Doutoranda em Ciências Sociais – PUCSP

Resumo

Por ter uma dimensão cultural o sentido da morte não é sempre o mesmo, ele demonstra a forma como um povo a enfrenta e confere sentido à vida. A crença dos congadeiros de Minas Gerais na perpetuação da vida após a morte e das próprias famílias se apóia na certeza do reencontro em Aruanda, a África mítica de onde vieram seus ancestrais e para onde retornam após a morte. Saberes transmitidos pelos velhos através da fé que se faz festa.

Palavras-Chaves: Ritos de Morte – Tradição Bantu

Abstract

Due to its cultural dimension death has different meanings which show the way that a given people both deal with death itself and make sense of life. Minas Gerais Congadeiros belief on life after death is based on the conviction that all of them will meet again in Aruanda, their ancestors mythical birth place in Africa where they return to after dying. The partying takes place thanks to the elders' knowledge that is taught through faith.

Key words: Death rituals – Bantu tradition.

Estima-se que cerca de 11 milhões de africanos foram escravizados e traficados para as Américas entre os séculos XVI e XIX, sendo quatro milhões deles para o Brasil.

Luanda, capital de Angola, foi o maior centro de comércio escravo para o Brasil de 1550 a 1850. E foi em Luanda que a maioria desses homens, mulheres e crianças foram recolhidos, escravizados, armazenados em porões de navios e enviados para o outro lado do Atlântico e vendidos no chamado Novo Mundo.

Foi dentro das péssimas condições de transporte e de vida que esses homens e mulheres portadores de idéias, de saberes, de religião e de tradições forjaram a resistência. Desenvolveram uma solidariedade na desgraça, com laços tão fortes que, conforme Slenes (1991/1992) tornaram-se malungos □ termo bantu que significa companheiros de viagem.

A relação que os negros africanos e os brancos desenvolveram nessa travessia em hipótese alguma pode ser considerada tranqüila. Mesmo cativos os negros tentavam a todo custo resistir à escravidão.

Côncios da tensão que permeava esta nova realidade gerada com e por esta nova relação, tanto brasileiros quanto africanos se viram obrigados a buscarem respostas específicas, e às vezes, conciliadoras para confrontar a opressão advinda da escravidão.

Uma das primeiras coisas que os africanos escravizados fizeram ao chegar ao seu destino foi estabelecer novas formas de sociabilidade que incluía, principalmente, a recriação da família, aquela que por laços de identificação os uniria e possibilitaria recriar outras formas de resistência.

Porém falar em família negra é uma questão bem mais recente na história do Brasil. Fato que só vai se dar após a Abolição em 1888, pois conforme Bernardo (1998) não havia possibilidade de coexistência da escravidão com a vida familiar.

Ainda no século XVIII, com o rápido crescimento do chamado ciclo do ouro, que marcou os caminhos entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, as terras da colônia foram rapidamente inundadas de escravizados negros. Minas Gerais, em especial, receberá uma grande carga vinda do Rio de Janeiro, em sua maioria traficada de Angola, porto que intensificou a exportação de peças humanas para o Brasil neste período.

Esses negros que chegaram às terras mineiras tinham em comum o lugar de origem e todo um conjunto de tradições e valores que os aproximavam e os ajudou a reconstruir identidades nesse novo pedaço de terra brasileira com características muito peculiares, cuja relação com o sagrado marcará fortemente o seu cotidiano.

A religiosidade de origem bantu

Dentro de todo o sistema religioso e cultural bantu, o qual os angolanos fazem parte, os seres humanos são o centro da criação e de toda a relação com a natureza e o mundo que os cerca. A ancestralidade, assim como os idosos, a festa, a música, são elementos indispensáveis para entender e penetrar em seu universo religioso e cultural, pois para o bantu cultura e religião estão intrinsecamente interligadas e interagindo, de forma que a religião se torna o conjunto que comporta em seu interior todos os elementos importantes para os bantu: as idéias, os sentimentos e os ritos, formando um grande patrimônio cultural negro africano composto por mitos, orações, construções literárias presentes na tradição oral, poesias, músicas e representações artísticas e performáticas.

Os povos negros de todas as nações que aqui aportaram não separaram da vida cotidiana a prática religiosa, muito pelo contrário, a religião passou a fazer parte desse dia a dia como fonte de energia, elemento vital nas diversas formas de organizações sociais, políticas e econômicas

A religião é o que explica o nascer e o morrer, o destino de todos e é através dela que os grupos buscam respostas para suas inquietações e indagações, bem como o conforto e esperança de dias melhores, ainda que após a morte.

As congadas mineiras surgirão no cenário de escravidão como o espaço que irá congrega e revitalizar os valores culturais dos bantu em Minas Gerais. É onde, através da festa, os escravizados poderão mostrar o seu desejo de liberdade e reproduzir valores vividos por eles na África.

Vários grupos se organizaram através de irmandades leigas e recriaram personagens como reis, rainhas, juizes, capitães que provocavam um certo temor nos senhores de engenho que as interpretava como ameaça à ordem, à moral e a decência devido a forma

como se vestiam e festejavam. Mas que também foi apoiada e aconselhada pelos jesuítas como uma forma de “conformar os negros” em suas agruras.

O Congado representava apenas a parte festiva da expressão litúrgica celebrativa travestida de catolicismo dessa estrutura organizacional, mas que possibilitava a recriação o universo simbólico desses povos, através da expressão corporal, dos cantos e danças acompanhados pelos sons de instrumentos de origem africana como tambores, maracás, caxixis.

Essas irmandades leigas criaram uma estrutura que garantia aos negros certa representação social e maior dinamismo cultural. Encabeçaram a luta por melhores condições de vida e de morte aos escravizados e pela garantia de perpetuação de suas tradições e vínculo com a terra natal.

Mas foi nas congadas em louvor aos santos católicos que os símbolos, as imagens, os gestos, os instrumentos musicais e os cantos foram se transformando num rito de libertação. É onde encontraremos os mitos de liberdade da Mãe do Rosário que surgiu nas águas do mar para livrá-los da escravidão e onde Aruanda se materializará no canto e na dança dos negros corpos a balançar entorpecidos de saudade.

Constatamos que longe do que alguns antropólogos e estudiosos da cultura como Nina Rodrigues, que afirmavam que os bantu eram mais acomodados e facilmente influenciáveis por outras culturas, o dinamismo cultural e religioso recriado por eles representou um violento protesto sob o viés de uma aparente passividade.

Um protesto que garante sua prática totêmica e fetichista até hoje. As festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia incorporaram o calendário festivo religioso de Minas Gerais e revelam, nos quatro cantos do Estado, a presença e resistência de um povo que se fez como os próprios congadeiros afirmam – aroeira -, árvore forte e capaz e curar as próprias feridas, cujos galhos dobram, mas não quebram.

Apesar da presença de grupos de congadas em todo o Brasil, é na região Sudeste que se concentra o maior número de grupos, especialmente em Minas Gerais, onde eles são aproximadamente quatro mil.

O registro mais antigo das tradições do congado no Estado mineiro data de 1711 na obra *Cultura e Opulência no Brasil*, de autoria de André João Antonil, pseudônimo do padre jesuíta João Antonio Andreoni, que descreve minuciosamente alguns dos usos e costumes e exageros cometidos na colônia portuguesa.

Na memória dos congadeiros dos mais diversos grupos do Estado à tradição chegou a Minas Gerais através de Chico Rei, um rei africano que foi trazido para o Brasil no século XVIII e em Vila Rica de Ouro Preto, onde viveu, conseguiu comprar sua alforria e através da exploração de uma mina já desativada acabou encontrando ouro, enriqueceu e comprou a liberdade dos demais negros da região.

Em 1747 o rei-escravizado, grande devoto de Nossa Senhora do Rosário, organizou a primeira festa em homenagem á Santa que o ajudou a concretizar o seu sonho de liberdade, com riquíssimo cortejo. Forma de agradecimento que contaminou os escravizados agora livres e os acompanha até hoje.

Assim, em Minas Gerais, o congado passou a ser uma das mais fortes expressões das manifestações culturais e religiosas dos negros em todo o Estado e em muitas localidades surgiram grupos de congado autônomos totalmente desvinculados das irmandades leigas, mas vinculados a fé em Nossa Senhora do Rosário e a outros santos do panteão católico-cristão associados aos auxílios recebidos pelos antepassados durante o período de escravidão.

Os ritos de morte e o retorno a Aruanda

O rito funerário, enquanto rito de passagem, configura o esquema de integração – separação – integração, onde é necessário morrer para (re) nascer. Neste sentido, a morte acompanhou o negro africano nos tumbeiros provocando a desintegração de todo um sistema cultural e religioso que conforme vimos, por muito tempo dificultou a sua (re) integração, uma vez que esses homens e mulheres escravizados foram separados, além de seus familiares e amigos vivos, também de seus antepassados, cuja presença e força são fundamentais para todos eles.

Calcula-se que entre 15% a 20% dos africanos deportados para as Américas morreram durante a travessia do Atlântico. A morte era implacável nesses tumbeiros, chegando a

reduzir a “carga” a menos de um terço até o seu final. Sobreviver à travessia era um desafio, resistir à morte após o desembarque não era diferente.

A adaptação a nova terra e a perversidade do sistema escravista levaram muitos escravizados ao óbito, cujo destino final era o próprio mar ou as valas e matas onde eram abandonados a própria sorte.

Para livrar-se do cativeiro e garantir a liberdade aos seus, os recursos utilizados pelos negros escravizados incluíam os abortos, infanticídios, suicídio, por vezes coletivo, que segundo Pombo (s/d) chegava a dizimar fazendas e distritos inteiros, os assassinatos e o banzo.

No entanto, independente dos mecanismos usados para livrar-se das agruras da escravidão, o negro africano via na morte o único caminho para retornar ao seu país de origem, reencontrar seus antepassados e manter-se vivo através dos laços vitais que para eles não se rompe com a morte, independente da forma como ela aconteça.

Claro que muitos sonhavam com uma boa morte, conforme encontramos nos relatos dos descendentes de africanos em todo o Brasil. Apesar de terem a certeza que somente Nossa Senhora teve uma boa morte e por isso a reconhecem como Nossa Senhora da Boa Morte e rezam para que ela também lhes dê uma boa morte, conforme encontramos num dos cantos fúnebres dos congados belo-horizontinos:

Se Deus me tirasse agora
A Senhora ia me levar
Pra onde é que ela mora
Me leva pra um bom lugar
Oiê que bom será, oiê que bom será.

Esse bom lugar para os velhos congadeiros é Aruanda, a África mítica que os reintegrará a família de origem, o lugar de onde os antepassados vieram.

Aruanda se encerra dentro de uma cosmologia brasileira que congrega todas as raças e culturas que habitam o Brasil e dá origem a uma religiosidade que congrega forças ancestrais que contam com a presença de caboclos – ancestrais ameríndios –, pretos

velhos – ancestrais africanos – e os orixás africanos. Que em cada manifestação cultural de origem bantu se apresentará e será cultuado de uma forma diferente, mas que garantirá a sobrevivência dessa Aruanda que está a quilômetros de distância da capital de Angola e tão próxima dentro da oralidade e poética afro-brasileira alimentando crenças, sonhos, esperanças, mitos e ritos.

Misteriosamente Luanda, conhecida como maior empório de escravos da África Central, criou raízes em solo brasileiro, na memória afro-brasileira, como repositório de uma força divinizada que criativamente penetrou Brasil adentro como Aruanda e sobrevive como a última morada para o bantu em toda a sua extensão. O lugar que para onde com certeza voltarão. Ela aquece a memória, chama para a festa, para a alegria, provoca nostalgia, mas nunca se apaga.

Para os congadeiros a festa mantém Aruanda viva e o ritual fúnebre é o que garante o retorno de todos a sua origem, por isso ele é carregado de simbologias e mistérios que compõem o vasto universo mítico religioso dos grupos e que são transmitidos de geração em geração com todo o cuidado para que esse caminho nunca se perca.

É no momento da morte que o congadeiro, para encontrar o caminho de casa, é investido de um poder e força sobrenatural que até então não fora revelado para a maioria, somente aos velhos que mantém uma expressão de regozijo, mesmo diante da dor. E é essa força sobrenatural que surge nesse momento que o colocará para sempre na memória da comunidade e nos céus de Aruanda, conforme o canto de despedida:

Ô meu irmão sua Mãe tá lhe chamando
Vai meu irmão sua Mãe tá lhe chamando
Vai descansar num campo de paz

A Mãe que pode ser interpretada tanto com Nossa Senhora como a própria África reclamando os seus filhos e filhas para descansar em sua Terra natal de onde foram violentamente arrancados e para onde devem retornar para finalmente descansar em paz depois da longa e dolorosa travessia.

Referências

BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: Fundação Editora UNESP, 1998.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder* – Irmandades Leigas e Políticas Colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. 2^a Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MARTINS, Saul. *Folclore em Minas Gerais*. Edição MEC-FUNART. Belo Horizonte: UFMG, 1982.

RAMOS, Arthur. *A Aculturação Negra no Brasil*. BPB – Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5. – vol. 224. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: 1942.

SANTOS, Acácio Sidinei Almeida. *A dimensão Africana da morte resgatada nas Irmandades Negras, Candomblé e Culto de Babá Egun*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC/SP, 1996.

SLENES, Robert W. “*Malungo, ngoma vem!*” *África e descoberta no Brasil*. Revista USP, n. 12, p.48-67, dez./jan./fev. 1991-1992.

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no Congado belo-horizontino*. Dissertação de mestrado em Ciência da Religião. Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.